

# DERRAP

O verdadeiro perigo começou  
em um desfiladeiro

# AGEM

depois que o carro mergulhou

POR WILLIAM M. HENDRYX

# A

luz do sol de outubro banhava os degraus da prisão do condado de Wise, no Texas, Estados Unidos, enquanto Jerry Wood caminhava para o carro. O advogado de defesa acabava de se reunir com um cliente. A cadeia era claustrofóbica e a semana havia sido longa. Ele queria tempo para relaxar e decidiu pegar uma estrada rural até sua casa, em Fort Worth, 64 quilômetros a sudeste.

Wood tinha cabelos longos e espírito independente, o que o tornava mais extravagante do que a maioria dos advogados que atuavam nos tribunais da região. Mesmo depois de 25 anos de carreira, ainda se sentia atraído por causas perdidas.

Eram aproximadamente seis e meia de um fim de tarde quando Wood assumiu o volante do Chrysler Concorde dourado. A noite caía sobre o terreno acidentado, pontilhado de carvalhos e cedros que corriam ao longo da Rota FM 4. Wood ia apreciando a mudança prematura das folhagens de outono. Muitas vezes ele havia caçado naqueles morros com os dois filhos.

Agora, guiava por uma série de curvas na estrada remota. Estendeu a mão em busca do celular a fim de ligar para a mulher, Molly, juíza da vara criminal do condado de Tarrant. Mas a ligação não se completou e ele largou o telefone no assento do carona. Naquele mesmo instante, algo, talvez um veado, atravessou a estrada correndo. Wood deu uma guinada com o volante para a

direita, depois para a esquerda, tentando manter o controle do carro. Tarde demais. O pneu dianteiro direito bateu no cascalho do acostamento e o Chrysler derrapou. A traseira rabeou de um lado para o outro, e o veículo voou por cima do barranco arborizado.

O carro não desceu capotando, mas girando como um brinquedo de parque de diversões, decepando as copas das árvores. Então, finalmente, mergulhou num precipício, dez metros abaixo, aterrissando sobre os pneus.

Wood se viu preso no banco traseiro, com as pernas esticadas por cima do encosto da poltrona do motorista, que havia caído. Olhou em volta na penumbra. Todas as janelas haviam se estilhaçado, e as portas do lado do motorista tinham afundado. O teto do carro desabara e havia vidro e outros destroços por todos os lados. O carro estava completamente destruído.

Um galho de meio metro de comprimento e uns três centímetros de espessura pendia à sua frente. Wood tentou empurrá-lo para o lado, mas ele não se moveu. Empurrou outra vez e sentiu uma pressão na base do pescoço. Subiu a mão pelo galho lascado, alojado entre as clavículas bem na parte mais carnuda, na base da garganta. Puxou com força, mas ele não se mexeu. Incrivelmente, Wood não sentiu dor alguma. Com as duas mãos, deu outro puxão. Dessa vez, engasgou. O pedaço de madeira estava cravado a uns quatro centímetros de profundidade, próximo da carótida e da jugular, que levam o sangue para o cérebro e o transportam de volta.

Wood não entrou em pânico. Anos passados no tribunal lhe haviam ensinado a proceder de forma metódica. Lembrou-se de um velho canivete que guardava entre os bancos do carro. Inclinou-se lentamente para a frente e o encontrou. Tinha uma lâmina de mais de dez centímetros. O galho era grosso mas talvez conseguisse arrancá-lo.

Firmou o pedaço de madeira com a mão esquerda e, segurando o canivete

**Molly Jones**, mulher de Wood havia pouco mais de um ano, não era do tipo que se preocupava com facilidade. Já havia visto quase tudo como juíza de uma vara criminal. Naquela noite, no entanto, sentia-se apreensiva. Deixara diversos recados para Jerry nas últimas duas horas. Agora, já passava das oito e meia de uma noite de sexta-feira, e o marido ainda não dera notícias. Aquilo não era do feitio dele.

**Ele sentiu uma pressão no pescoço. Um galho havia perfurado sua garganta.**

com a direita, começou a pressionar a carne ao redor do galho. Respirou fundo. *Eu vou conseguir.*

Wood empurrou a ponta da faca por baixo do galho. Depois de vários minutos sentindo dor lancinante, não tinha obtido progresso algum. O coração batia descompassado, ele respirava com dificuldade, as mãos tremiam. Precisava fazer algo mais.

Agarrou o cabo do canivete e empurrou a lâmina de encontro ao galho. Com uma estocada firme, mergulhou o aço afiado em direção à garganta, ao mesmo tempo que puxava a estaca. O galho se soltou – seguido por um jato de sangue.

*Meu Deus! Acho que acabo de me matar!*, pensou Wood. O sangue cobriu o volante e a poltrona. Tonto, ergueu a camiseta e a pressionou contra o ferimento aberto. Então, desmaiou.

Ligou novamente para o celular, e mais uma vez caiu na caixa postal. “Ligue para mim, por favor”, disse ela. “Preciso saber que você está bem.”

Molly foi até um restaurante onde o marido costumava se encontrar com amigos. Ninguém o vira. Ligou para dois de seus colegas de trabalho, mas eles também não o haviam visto. Telefonou para a mãe dele, para os dois filhos e para alguns vizinhos – ninguém sabia onde Jerry estava.

Às dez da noite, a residência de Molly e Jerry começou a se encher de amigos e parentes. “Algo de ruim aconteceu com Jerry”, dizia Molly.

**Em algum momento** após perder a consciência, Wood acordou. Ao que parecia, a camiseta ajudara a estancar o sangramento. A respiração se acalmara. A escuridão do campo o

envolvia. Ele tentou ficar calmo para se localizar. Mas se deu conta de que o carro cheirava a gasolina.

Entrou em pânico. Com quase 1,90 m, passou pelo vidro traseiro estilhaçado, caiu sobre a tampa da mala e despencou no chão. Seu corpo inteiro doía. Quando tentou se deitar, a dor no peito aumentou, e, cada vez que soltava o ar, sentia a pele se mover no ferimento. Por fim, cochilou.

Por volta da meia-noite, acordou e olhou ao redor. A escuridão o deixara assustado. Havia predadores naqueles morros. Com ou sem gasolina, ele decidiu que o carro era o lugar mais seguro para dormir. Brigando com a dor, arrastou-se de volta ao veículo.

Concluiu que estes eram os fatos: estava escuro e ele se achava longe demais da estrada, escondido por árvores e moitas cerradas; ninguém esperava que ele fizesse aquele caminho e ninguém o procuraria naquela área; a responsabilidade de se salvar cabia a ele.

Apalpou ao redor em busca do celular e usou a luz do aparelho para olhar o interior do carro. Só encontrou chicletes, os quais, surpreendentemente, fizeram maravilhas por sua garganta seca. Remexeu o console na esperança de encontrar, também, fósforos. Tinha um plano: ao amanhecer, se ouvisse carros passando, poria fogo na gasolina e incendiaria o carro para chamar a atenção. Mas não havia fósforos.

**Ao amanhecer de sábado**, Wood acordou. À luz do dia, podia ver, claramente, sua difícil situação. O veículo estava cercado por uma densa vegetação ras-

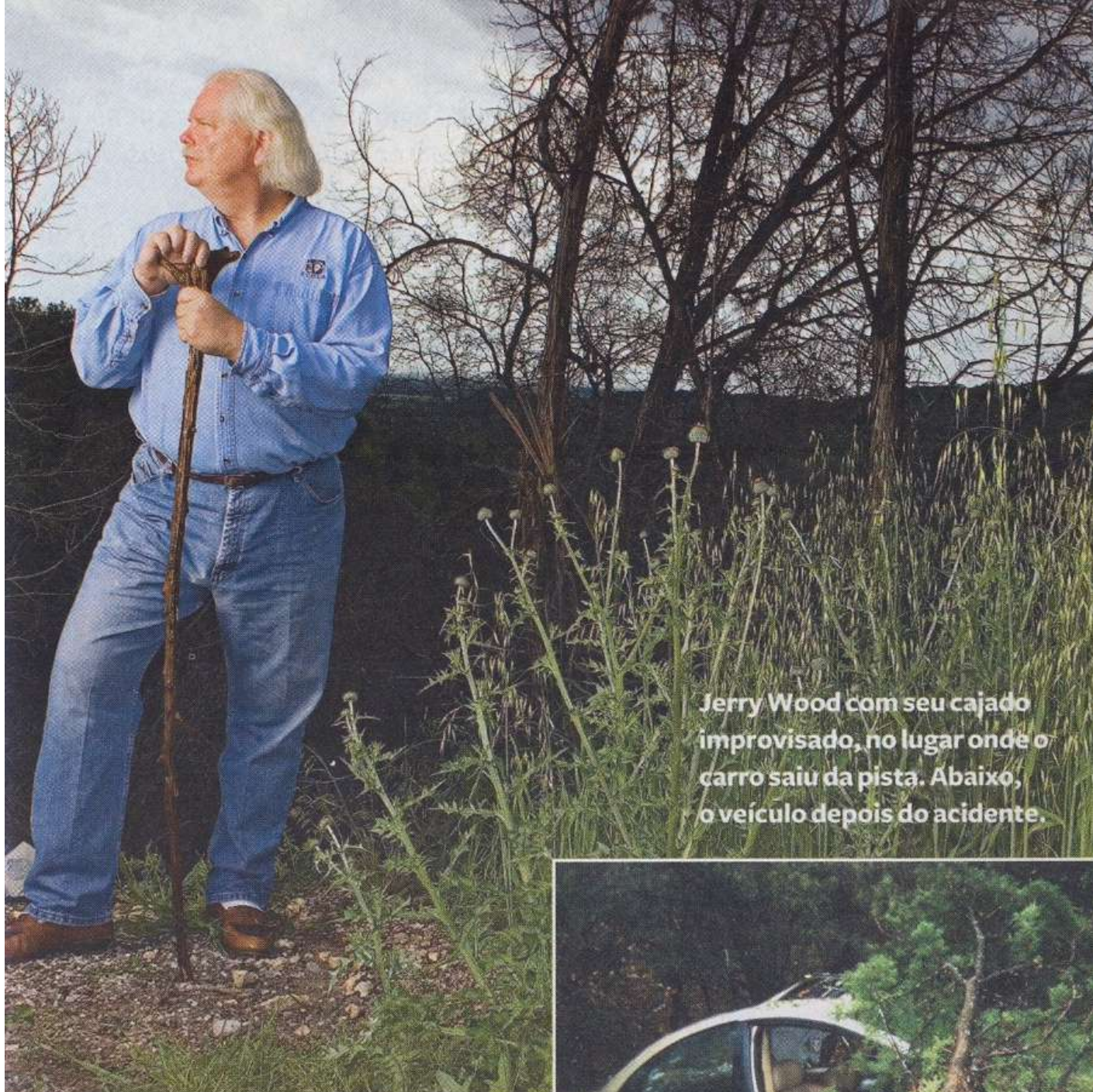
teira, cedros lascados e árvores espinhosas. De vez em quando ele podia ouvir um carro passando na estrada lá em cima. Gritava, mas sua voz de barítono, cultivada nos tribunais, soava como um sussurro.

Então, mais uma vez, se arrastou para fora e olhou ao redor do carro. O caminho mais lógico parecia ser a faixa de árvores que ele havia derrubado. Após alguns poucos passos, doía respirar, doía andar, doía erguer os braços.

Levou muito tempo para chegar a uma cerca de arame farpado no sopé do barranco. Apesar de ter apenas um metro e pouco de altura, aos seus olhos a cerca parecia a muralha de um castelo. Depois de pelejar por mais de uma hora, encontrou um lugar por baixo do qual poderia passar sem se rasgar inteiro. Então, começou a íngreme subida em direção à estrada.

A ladeira estava coberta por pedras soltas, escorregadias como bolas de gude. Engatinhando, Wood tentou escalar o aclave. Repetidamente, escorregava até embaixo. Arranhado, esfolado e exausto, sentia-se torrar ao sol. Precisava descansar, e o único lugar confortável era no carro. À medida que as sombras da tarde iam se alongando,





Jerry Wood com seu cajado improvisado, no lugar onde o carro saiu da pista. Abaixo, o veículo depois do acidente.



deixou-se escorregar por debaixo da cerca e voltou ao seu refúgio.

**No meio da tarde**, a cena na casa de Molly era um tumulto só. Desenrolava-se uma intensa busca que incluía amigos, família, helicópteros e agentes da lei de uma série de departamentos. Com a ajuda de um programa de computador, um oficial de justiça federal rastreava as transmissões do telefone celular de Jerry.

Dois amigos haviam visitado a prisão do condado de Wise, onde ele fora

visto pela última vez. Assistiram ao vídeo de segurança de sua chegada e saída e entrevistaram o cliente com o qual se reunira. Depois de 24 horas, não tinham pistas para encontrá-lo.

Nuvens, chuva e nevoeiro invadiram a região com o cair da noite. Cercada por amigos, Molly perdia as

esperanças. “Nós vamos achá-lo de manhã”, disse-lhe um deles. Molly não estava tão certa disso.

**No fundo do desfiladeiro**, Wood se acomodou para mais uma noite. Começava a perder as forças e acabava de descobrir sangue na urina. Precisava achar um jeito de sair dali no dia seguinte ou corria o risco de morrer de hemorragia interna.

Quando amanheceu, no domingo, ele saiu do carro mais uma vez, deci-

trada. Estava exausto, mas pensou: *Se eu morrer aqui, pelo menos vão encontrar meu corpo.*

Vários veículos passaram, até que um homem numa caminhonete limpa e reluzente parou. Wood podia estar delirando, mas, coberto de terra e sangue como estava, recusou-se a entrar e sujar um carro tão novo. Deslizou para dentro da caçamba e foi levado para a cidadezinha de Palo Pinto, uns seis quilômetros adiante. Havia conseguido.

**“Se eu morrer aqui, pelo menos vão encontrar meu corpo”, pensou ele.**

dido a tentar outro caminho. Iria pela direita – a vegetação era mais densa, o terreno mais difícil, mas ele tinha a impressão de que a estrada fazia um declive por ali. Se conseguisse andar bastante, talvez a estrada e o desfiladeiro se encontrassem.

Wood arranjou um galho para usar como cajado. Partiu e, por fim, chegou a um local plano não muito abaixo do nível da estrada. Apoiando-se no galho, com grande esforço atravessou a parte plana e, a seguir, subiu os últimos metros se arrastando. Finalmente, viu-se no acostamento da es-

**Wood passou nove dias** no hospital, onde recebeu tratamento para um pulmão perfurado, cinco costelas quebradas, um ombro deslocado e um corte de cinco centímetros no pescoço.

A provação pela qual passou, felizmente, teve conseqüências leves. Quando voltou para casa, Wood começou a ter pesadelos recorrentes, os quais foram desaparecendo à medida que ele foi ganhando força.

“Sou advogado de defesa criminal. Conheço a importância da esperança.” Tenacidade e uma abordagem metódica permitiram que sobrevivesse.

## NA CONTRAMÃO

Os filósofos têm um problema para cada solução. *Wilson Silva*, São Paulo (SP)